



Cinema, sport and racism: a pedagogical proposition

Cinema, esporte e racismo: uma proposição pedagógica

Cine, deporte y racismo: una propuesta pedagógica

Maria Rute da Conceição dos Santos¹, Wolney Nascimento Santos¹
Perolina Souza Teles¹ Fabio Zoboli¹

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Maria Rute da Conceição dos Santos

E-mail: ruthesantos868@gmail.com

Como citar: Santos, M. R. C., Santos, W. N., Teles, P. S., & Zoboli, F. (2022). Cinema, sport and racism: a pedagogical proposition. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 5(1), e18483. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks5118483>

RESUMO

Este ensaio objetiva apresentar uma proposição didático-pedagógica para tematizar o racismo a partir do cinema tendo como pano de fundo o esporte. Tal aproximação é feita com a intenção de deslocar o esporte do estatuto dos gestos técnicos e regras para o campo da sétima arte para reflexionar o racismo. Para tal foram elencados dois filmes, "Raça (2016)" e "Ali (2001)", que tematizam a discriminação racial sofrida por dois atletas negros. São obras que retratam as vidas de duas grandes lendas do esporte americano, o corredor Jesse Owens (1913-1980) e o pugilista Muhammad Ali (1942-2016). Acredita-se que a utilização de filmes com proposição didática descolonizadora, pautada pela Lei 10.639/2003, pode contribuir com a ressignificação da existência negra e por consequência, com o aniquilamento do racismo.

Palavras-chave: Cinema. Racismo. Esporte. Educação Física escolar.

ABSTRACT

The aim of this essay is to present a didactic-pedagogical proposal for thematizing racism through cinema, using sport as a backdrop. This approach is made with the intention of moving sport from the status of technical terms and rules to the field of the seventh art in order to address racism. To this end, two films were selected, "Race (2016)" and "Ali (2001)", which deal with the racial discrimination suffered by two black athletes. They portray the lives of two great American sporting legends, runner Jesse Owens (1913-1980) and boxer Muhammad Ali (1942-2016). It is believed that the use of films with a decolonizing didactic approach, based on Law 10.639/2003, can contribute to the re-signification of black existence and, consequently, to the annihilation of racism.

Keywords: Cinema; Racism; Sport; School Physical Education.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo presentar una propuesta didáctico-pedagógica para discutir el racismo a través del cine, con el deporte como telón de fondo. Este acercamiento se realiza con la intención de trasladar el deporte desde el estatus de gestos y reglas técnicas al ámbito del séptimo arte para reflexionar sobre el racismo. Para ello, se enumeraron dos películas, “Raça (2016)” y “Ali (2001)”, que se centran en la discriminación racial sufrida por dos deportistas negros. Se trata de obras que retratan la vida de dos grandes leyendas del deporte americano, el corredor Jesse Owens (1913-1980) y el boxeador Muhammad Ali (1942-2016). Se cree que la utilización de películas con una propuesta didáctica descolonizadora, guiada por la Ley 10.639/2003, puede contribuir a replantear la existencia negra y, en consecuencia, a la aniquilación del racismo.

Palabras clave: Cine; Racismo; Deporte; Educación física escolar.

Cole aqui o resumo.

INTRODUÇÃO

Para o filósofo italiano Maurizio Lazzarato, em sua obra “Signos, máquinas, subjetividades (2014)” as instituições educativas e a sociedade de modo geral, poderiam utilizar o cinema e suas imagens como a ciência usa diagramas e microscópios para “ver” o infinitamente pequeno, ou o telescópio, para “ver” o infinitamente grande, “escalas que escapam ao homem e à sua linguagem, e para construir ‘cartografias icônicas’ que multiplicam capacidades de ação. O cinema como um diagrama em movimento: para ver, decidir, escolher e agir” (Lazzarato, 2014, p. 120).

A utilização de filmes nas escolas, como recurso didático contra o racismo, ou qualquer outra forma de opressão, é uma ferramenta importantíssima. Segundo Rosália Duarte (2002, p. 90), “O cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”.

A Lei 13.006/14, que entrou em vigor em 2014, incorporou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a obrigatoriedade da exibição de filmes por, no mínimo, duas horas mensais como componente curricular complementar, um importante avanço para a cinematografia. Com isso, as exibições de filmes se tornam obrigatórias, devendo integrar a proposta pedagógica da escola, para que os professores façam o uso em suas aulas de filmes com diferentes temáticas. Para Duarte, (2002, p.17), “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

Diante do exposto, o presente escrito pretende aproximar o cinema das questões do racismo. Infelizmente, tematizar o racismo nas instituições educativas ainda se faz necessário, na medida em que o ambiente escolar – como espelho e reflexo do contexto social mais amplo – é um local no qual os estudantes comumente sofrem violências no que tange às questões de raça. Deste modo, fizemos uma aproximação do cinema com o racismo e a educação através da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, seja pública ou privada, da educação básica. Esta lei ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade, favorecendo uma educação antirracista nas escolas. É propósito dessa legislação abordar conteúdo da história e cultura afro-brasileira, buscando trazer autores e intelectuais negros para serem apresentados e debatidos no ambiente escolar.

Deste modo, o presente texto objetiva fazer uma proposição didático-pedagógica para tematizar o racismo, a partir do cinema, tendo como pano de fundo o esporte. Tal aproximação é feita com a intenção de deslocar o esporte do estatuto dos gestos técnicos e regras para o campo da arte através da sétima arte. Para tal, foram elencados dois filmes que abordam a

problematização étnico-racial em diferentes esportes. Dessa forma, o texto preconiza através dos filmes “Raça (2016)” e “Ali (2001)” uma discussão sobre a discriminação racial sofridas por atletas negros.

Partimos da compreensão acerca do poder que o esporte tem em nossa sociedade e sua importância na prática pedagógica dos professores de Educação Física, visto que o esporte compõe uma das seis unidades temáticas¹ de conteúdo da Educação Física escolar. Deste modo, buscamos filmes que dialogam e refletem sobre a discussão do racismo, através das práticas corporais esportivas.

A fim de efetivar o objetivo de nosso escrito, organizamos o mesmo a partir de outras três seções, para além desta introdução. Na segunda parte do artigo, dissertamos sobre esporte, cinema e racismo com o propósito de tencionar questões que possam balizar conteúdo para a Educação Física escolar. Na terceira parte do texto, apresentamos as duas obras filmicas e uma proposição didático pedagógica das mesmas. Por fim, são descritas nossas considerações finais, a partir da retomada do nosso delineamento inicial.

CINEMA, ESPORTE E RACISMO

A tela de cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas dos sistemas) e com si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades (Fresquet, 2013, p. 19).

Abrimos esta seção fazendo referência a um fragmento da obra “Cinema e educação: reflexões sobre algumas experiências de cinema e educação (2013)” de Adriana Fresquet, que nos faz deduzir que o cinema pode atuar como artefato cultural midiático na sociedade contemporânea, ajudando a pensar as distintas realidades políticas, econômicas, filosóficas, socioculturais e as temáticas das africanidades, que aqui serão analisadas a partir do cinema.

Este ensaio aposta no cinema como uma ferramenta pedagógica, que transcende a condição de “educação bancária²” e pode estimular a criticidade e consciência do(a) educando(a), para que este pense de forma autônoma. O(a) educador(a) afrocentrado(a), que constrói um trabalho com o cinema no espaço/tempo da escola, deve optar por uma mediação teórica robusta, como um ato cultural libertador contínuo. Nessa mesma acepção sugere Marcello & Fischer (2011, p. 506):

Podemos, assim, imaginar um sem-número de propostas de pesquisa no âmbito das relações entre cinema e educação – mas, a nosso ver, a maior ou menor eficácia desse trabalho dependerá da construção de um objeto, na medida do possível, complexo, rico, pleno de questões, tanto no tocante a um tipo de criação particular (a narrativa cinematográfica), quanto ao tipo de sujeitos, de algum modo, envolvidos com filmes (na condição de espectadores, de personagens principais, ou mesmo de realizadores ou de

¹ Além do esporte, as práticas corporais das lutas, ginástica, dança, jogos e brincadeiras fazem parte dos conteúdos da Educação Física escolar.

² O termo “educação bancária” foi cunhado por Paulo Freire para fazer uma crítica às metodologias tecnicistas e suas formas de repassar o conhecimento aos alunos na escola. Em uma das suas mais célebres obras, “Pedagogia do oprimido”, Freire apresenta a seguinte formulação: “eis aí a concepção “bancária” da educação em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos e guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” de educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 1987, p. 33).

analistas de imagens) em relação aos modos de existência propostos, ligados a problemas contemporâneos urgentes.

No que tange aos filmes propostos, defendemos que a questão racial é central na elaboração de reflexões. O termo *raça* é proveniente da língua italiana *razza* que tem raiz etimológica no latim *ratio*, que significa categoria, espécie, proporção, cálculo (Santos, 2022). Na menção de Santos (2022), foi nas ciências naturais que o conceito de *raça* foi primeiramente utilizado, pois era base na botânica e na zoologia para classificar animais e plantas. Por ter sua episteme pautada nas ciências naturais, quando aplicada a espécie humana ela passou a usar os caracteres naturais-biológicos para categorizar e classificar os seres humanos a partir de tipos físicos e hereditários. Devido à cor da pele ser uma questão fenotípica de fácil identificação, a ideia de *raça* tem relação direta com o corpo negro – tanto que historicamente o negro foi utilizado como sinônimo de *raça*.

A análise e interpretação equivocada dos livros de Charles Darwin “A origem das espécies” e “A descendência dos homens” acabou por justificar o racismo via condição inferior do negro. Através da biologia, pautou-se “distinções úteis entre raças (a ideia, segundo a qual, a natureza teria produzido humanidades distintas, reconhecíveis por traços inerentes e características específicas que consagrariam suas diferenças, ordenando-as segundo uma escala de desigualdades” (Mbembe, 2019, p. 28). Atrelada a uma questão biológica, diferenciada pelo fenótipo, há uma diferenciação de níveis de humanidade, e cria-se assim o primeiro argumento em favor de uma existência objetificada do corpo negro. “A *raça* não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica” (Mbembe, 2018, p. 28).

A ideia de *raça* é fruto da ciência moderna ocidental que estruturou a “*razão negra*” como polo negativo do humano. O conceito de “*razão negra*” foi desenvolvido por Achille Mbembe. Para este filósofo camaronês,

[...] essa *razão negra* não passa de um sistema pretensamente erudito de narrativas e discursos. É igualmente reservatória de onde a aritmética da dominação de *raça* retira suas justificações. A preocupação com a verdade não lhe é alheia. Mas a sua função é, antes de mais nada, codificar as condições de surgimento e manifestações de um sujeito racial então chamado de negro e sobre condições coloniais chamado de nativo (Mbembe, 2018, p. 61).

A partir de uma suposta cientificidade foi estruturado um sistema pretensamente categorial que serviu como base para a subalternização de grupos humanos. Nascia assim o racismo estrutural, ou seja, um racismo no qual o corpo preto passa a ser mão de obra escrava e é tratado como abjeto, ou seja, sua condição de humanidade é empurrada muito próxima à animalidade. Nas bases modernas fundamentalistas “o negro é o outro racializado, que em escala de humanidade, tem sua classificação que serve a um propósito” (Santos, 2022, p. 153). O negro passa a ser assim definido como o indesejável, o ser outro que não se assemelha em humanidade ao humano (Santos, 2022). A partir disso:

Fundam-se na ideia segundo a qual existiriam dois tipos de sociedades humanas – as sociedades civilizadas, governadas pela *razão* e dotadas, entre outras coisas, do poder conferido pela escrita. À mentalidade dita selvagem faltaria aptidão para os processos racionais de argumentação. Não seria lógica, mas “pré-lógica”. Ao contrário de nós, o selvagem viveria num universo fabricado por si mesmo, impermeável a experiência e sem acesso às nossas formas de pensamento. A *raça* branca seria a única a possuir vontade e a capacidade de construir um percurso histórico. A *raça* negra, especificamente, não teria nem vida, nem vontade, nem energia própria. Consumida por velhos ódios ancestrais e intermináveis lutas instintivas, não faria senão dar voltas em torno de si mesma. Não seria nada além de uma massa inerte, à espera de ser trabalhada pelas mãos de uma *raça* superior (Mbembe, 2018, p. 85).

Dentro do binarismo ideológico “branco/negro”, o corpo negro ficou estigmatizado na medida em que a ele foi atribuído um valor menor em relação ao corpo branco. O estigma é entendido como uma demarcação social do corpo, no sentido de lhe atribuir um estereótipo negativo, que desencadeia preconceito e discriminação no âmbito das relações taxionômicas entre os sujeitos. Os atributos que consideram um corpo como diferente – em um sentido de valor e poder – são construídos socialmente e seus estereótipos são demarcados a partir desses significados. Assim, os estigmas dirigidos ao corpo negro sob a violência racial, podem ser vistos como aspectos sob os quais se estruturam as relações de poder, na medida em que atribuem valores as diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior.

O racismo foi e ainda é muito presente nas arquibancadas das mais variadas modalidades esportivas, bem como dentro dos campos e quadras onde estas práticas são realizadas. As ofensas materiais e simbólicas dirigidas aos corpos negros, sejam eles de atletas ou de árbitros, é assustadoramente impactante na atualidade. Por mais que as federações esportivas, clubes e atletas façam campanhas³ contra o racismo, elas parecem ainda ser insuficientes. Para Silva & Paula (2020, p.3) “este tipo de campanha não tem muitos efeitos, pois o preconceito racial está cada vez mais velado. Isso continua do modo que está pela falta de investigação e punição para com quem realiza esse tipo de conduta preconceituosa dentro e fora do campo”. De acordo com esses autores, como esses casos geralmente ficam impunes, as testemunhas desses atos de violência acabam por não delatar o agressor. Ou seja, há uma inibição das vítimas, que não se sentem encorajadas a denunciarem.

Assim, na menção de Júnior (2021), a responsabilidade do racismo no esporte é transferida para um plano social em abstrato, reduzida ao plano moral, das relações entre indivíduos, da responsabilização social:

Sustentados pelos meios de comunicação de massa, o regime de suspensão crítica que orbita o sistema esportivo moderno faz deste um campo altamente tolerante a violência e discriminação racial, ao mesmo tempo que os atores mais sensíveis ao problema vão sendo reduzidos à condição de “perturbadores da paz”. *Troublemakers* é geralmente a forma como são classificados os atletas que mundo afora denunciam o racismo e levam adiante reivindicações por justiça, extrapolando os limites que a disciplina paramilitar e o contrato oculto de silêncio impõem à classe (Júnior, 2021, p. 14).

Aqui fica evidente que “de acordo com a *episteme* racista, o corpo negro apanha pelos golpes que não deferiu, mas pelo qual sempre estaria por realizar” (Streva, 2018, p.194). Por isso, faz-se necessário medidas concretas e implementações que possam diminuir o fosso entre “o jurídico e o real, o silencioso e o gritante, o formal e o material, a corporalidade e a norma, a indiferença e a revolta, a proteção e o extermínio, para assim alcançarmos uma realidade verdadeiramente decolonial” (Streva, 2018 p. 206).

ESPORTE E RACISMO: UMA PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO CINEMA

A partir desta seção apresentamos dois filmes que dão centralidade às questões do racismo no âmbito esportivo. São obras que retratam as vidas de duas grandes lendas do esporte americano que tiveram suas carreiras fortemente atravessadas por violências raciais:

³ Sobre esta perspectiva, podemos citar o trabalho do Observatório da Discriminação Racial no Futebol³, criado em 2014, com o objetivo de acompanhar e dar notícias à sociedade brasileira dos diversos casos de racismo no futebol brasileiro. Atualmente, seus relatórios não se restringem apenas a apresentar casos no futebol. Divulga também ocorrências em outras modalidades esportivas com atletas brasileiros(as). Ver os relatórios do Observatório da Discriminação Racial no Futebol disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/apresentação/> Acesso em: 04. Nov. 2024

1) O filme “Raça” que retrata parte da história de um dos maiores velocistas do mundo, Jesse Owens; e, 2) O filme “Ali” que narra a trajetória do pugilista multicampeão, Muhammad Ali.

Para além desses dois filmes, que serão apresentados via proposição pedagógica, para serem trabalhados em sala de aula, deixamos aqui uma listagem de outros filmes que podem também ser utilizados para interpelar as questões de racismo ligadas ao esporte. É válido ressaltar que essa lista é contribuição do Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior, que nos disponibilizou a mesma na sua disciplina “Cinema, esporte e modernidade”, lecionada de modo optativo junto ao curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no ano de 2022: “**42 - A história de uma lenda (2013)**” Direção: Brian Helgeland; “**A Grande esperança branca (1970)**” Direção: Martin Ritt; “**A Maior luta de Muhammad Ali (2013)**” Direção: Stephen Frears; “**Amador (2020)**” Direção: Ryan Koo; “**Boleiros - era uma vez o futebol... (1998)**” Direção: Ugo Giorgetti; “**Coach Carter - Treino para a vida (2005)**” Direção: Thomas Carter; “**Duelo de titãs (2000)**” Direção: Boaz Yakin; “**Hurricane - o Furacão (1999)**” Direção: Norman Jewison; “**Invictus (2009)**” Direção: Clint Eastwood; “**Mercenário (2016)**” Direção: Sacha Wolff; “**Meu nome é Rádio (2003)**” Direção: Mike Tollin; “**No limite (2008)**” Direção: Gary Fleder; “**Pride - o orgulho de uma nação (2007)**” Direção: Sunu Gonera; “**Um Sonho possível (2009)**” Direção: John Lee Hancock.

Filme “Raça (2016)”⁴

O filme “Raça” (2016) do diretor Stephen Hopkins narra a breve, porém brilhante, carreira esportiva do corredor estadunidense Jesse Owens (interpretado por Stephan James). O filme pode ser considerado uma biografia histórica do atleta na medida em que a sinopse (da obra) praticamente assim o assinala: “Cinebiografia de Jesse Owens, atleta negro americano que ganhou quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, superando corredores arianos em pleno regime nazista de Adolf Hitler” (Filme Raça, 2016).

O filme conta a chegada de Jesse à Universidade de Ohio, onde ingressa com a intenção de ser treinado por Larry Snyder⁵ (encenado por Jason Sudeikis). A diegese fílmica mostra toda a preparação (desde os treinamentos até a seletiva nacional americana) de Owens para disputar a XI edição dos Jogos Olímpicos, realizados em 1936 na Alemanha. Toda essa narrativa histórica é encenada em paralelo com o ideário fascista alemão liderado por Hitler, que pretendia utilizar os jogos de seu país para promover e justificar a soberania da raça ariana. Ou seja, no filme o esporte é apresentado como ferramenta do ideário fascista.

A obra do diretor Stephen Hopkins gira em torno da preparação de Owens para participar de um evento olímpico projetado por Hitler. Toda a organização dos XI Jogos Olímpicos de Berlim traziam em seu cerne a propaganda política da existência de uma raça superior, a partir do ideário esportivo. No entanto, cabe mencionar antecipadamente que, nele, é narrada a construção de um clássico do cinema, o filme “Olympia”, dirigido pela cineasta Leni Riefenstahl, que fazia filmes de propaganda nazista para os alemães na época da II Guerra Mundial.

O advento das Olimpíadas da Era Moderna, ressignificadas a partir dos Jogos da Grécia Antiga pelo francês Pierre de Coubertin em 1896, é um acontecimento importante para pensar o esporte. Nesse sentido, para Vaz (2020, p. 279),

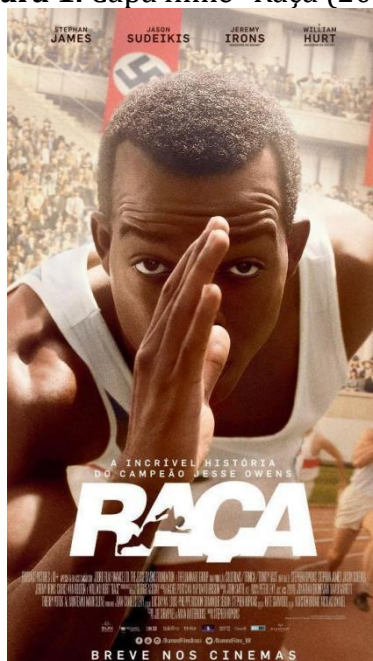
⁴ Nessa subseção utilizamos fragmentos do trabalho de um dos autores Zoboli, Dantas Junior & Manske (2024).

⁵ Larri Snyder era um ex-atleta “frustrado” que tinha conquistado a vaga olímpica para as olimpíadas de 1924, porém caiu com seu avião monomotor semanas antes da sua ida à Paris, onde a olimpíada seria disputada. Por conta das lesões do acidente, ele não viajou com a equipe americana. Nas seletivas para a citada Olimpíada, Larry venceu nada menos que Charles Paddock que, em 1920, nos jogos realizados na Antuérpia, ganhou as provas de 100 e 200 metros levando dois ouros olímpicos para os EUA. Para piorar o quadro de frustração de Larry, Paddock foi à Paris em seu lugar e voltou com 1 medalha de prata nos 200 metros.

afirmar que os Jogos da Grécia Antiga renasceriam na Era Moderna, atualizava, em chave neoclássica, a imagem do homem exemplar, naturalmente perfeito. Trata-se de fantasia regressiva e entrópica cara a movimentos românticos reativos, frequentes nos séculos XVII e XIX.

No entanto, Hitler e toda a organização dos XI Jogos Olímpicos de Berlim traziam em seu cerne a propaganda política de uma raça superior a partir do ideário esportivo. Jesse Owens foi protagonista desse “espetáculo”, tanto fílmico como real. Por isso, sua vida esportiva se tornou uma obra da sétima arte. Em plena Alemanha nazista Owens ganha 4 medalhas de ouro (100 e 200 metros rasos, revezamento 4x100 e salto em distância). A presença imponente deste corpo negro em Berlim é símbolo da resistência no combate aos ideais do nazismo ariano. No entanto, mesmo após tantos anos, o racismo e todas as demais formas de fascismo estão longe de ser erradicadas.

Figura 1. Capa filme “Raça (2016)”



Fonte: Google imagens.

I - Elementos Informativos
1 - Título do Filme: Raça
2 - Ficha Técnica do Filme: Direção: Stephen Hopkins. Intérpretes: Stephan James, Jason Sudeikis, Eli Goree, Carice Van Houten, Jeremy Irons, William Hurt e outros. Los Angeles: Forecast Pictures; Diamond Films, 2016. 123 min., color.
3 - Gênero e Temática: Biografia, Drama, esporte.
4 - Sinopse da História: A trajetória de Jesse Owens para enfrentar os preconceitos nos Estados Unidos contra um jovem preto e sua conquista de quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936.
5 - Personagens centrais e função na história: <ul style="list-style-type: none">- Jesse Owens: Um jovem preto que lutou contra os preconceitos e conquistou quatro medalhas de ouro no atletismo na olimpíada de Berlim.- Larry Snyder: Treinador de Jesse Owens.- Avery Brundage: Empresário que luta pela participação norte-americana nas Olimpíadas de Berlim.- Leni Riefenstahl: cineasta

- Ruthe Solomon-Owens: Esposa de Jesse Owens
6 - Biografia e filmografia do Diretor: Stephen Hopkins é um diretor de cinema e televisão e produtor Jamaicano naturalizado australiano e britânico. Recebeu vários prêmios. Filmes mais aclamados Dangerous Game (1987), Predator 2 (1990), Judgment Night (1993), Blown Away (1994), Traffic (2004) e outros.
II - Delineamentos Pedagógicos
1- Faixa etária e nível de escolarização: Fundamental Maior e Ensino Médio.
2- Temática: Racismo, Olimpíadas de Berlim, Fascismo/Nazismo.
3- Restrições: Não recomendado para menores de 12 anos.
4- Conjunto de questões a observar: <ul style="list-style-type: none">- O nazismo e a segregação racial dos Estados Unidos. Jesse Owens e a supremacia ariana.- O esporte e sua direta relação com as questões sociais e políticas.- Primeiro atleta negro a conquistar quadro medalhas de ouro olímpicas.- Mesmo com a supremacia ariana durante as Olimpíadas em Berlim, brancos, judeus e negros dividiam o mesmo dormitório e banheiro. O que levou a isso?- O filme faz alusão aos negros e aos judeus como seres inferiores. Eles são comparados a animais e também são metaforizados a pragas (piolhos, baratas) que devem ser combatidos para a “limpeza” de uma nação.
5- Outros Elementos de destaque: <ul style="list-style-type: none">- A visibilidade e invisibilidade de Jesse Owens. Mesmo tendo conquistado quatro medalhas de ouro para os Estados Unidos, a luta contra a segregação racial ainda continuava.- O atleta não sofreu racismo só nas olimpíadas de Berlim em 1936. O filme mostra que Owens foi vítima da violência de raça em seu país durante a preparação para os jogos e continuou sofrendo mesmo após a volta das Olimpíadas. Mesmo sendo um herói olímpico, com 4 medalhas de ouro conquistadas, Jesse Owens continuou a ser alvo de ataques racistas nos EUA.- O treinador realmente entendia o racismo sofrido por Jesse Owens?- Jesse Owens foi o primeiro da sua família a ingressar no Ensino Superior. A importância da educação.- Por que os atletas negros precisam aprender a bloquear as ofensas racistas? O bloqueio faz com que o racismo desapareça?- Acesso limitado a bens e serviços. Em um jantar em sua homenagem, Jesse Owens teve que entrar pela entrada de serviço.

Filme “Ali (2001)”

O filme “Ali” (2001), do diretor Michael Mann, retrata a história de um dos maiores pugilistas estadunidense, Cassius Clay (interpretado por Will Smith), que após a conversão ao islamismo muda seu nome para Muhammad Ali. O filme retrata a trajetória de Muhammad entre os anos de 1964 a 1974, a reconquista do título mundial dos pesos-pesados após, perder o título ao se converter ao islamismo e se recusar a servir ao exército dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Ali se tornou uma figura relevante dentro e fora dos ringues e logo figurou como uma das principais personalidades do esporte mundial.

O filme narra a história do então Cassius Clay e percorre 10 anos da vida do boxeador, desde a sua preparação e a conquista de campeão mundial dos pesos-pesados contra Sonny Liston (interpretado por Michael Bentt), a sua conversão e mudança do “nome de escravo” para Muhammad Ali, até a reconquista do título de campeão mundial na luta histórica contra George Foreman (interpretado por Charles Shufford). Tudo isso atrelado às sanções imposta pelos Estados Unidos que o afastou dos ringues por três anos, devido a sua recusa de servir ao exército americano.

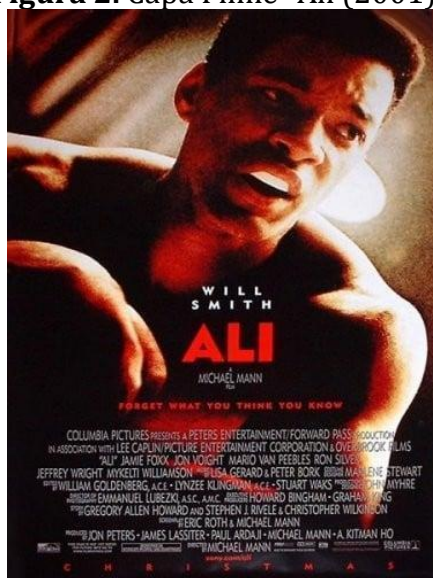
Na obra, o diretor Michael Mann aborda a preparação de Ali para a disputa do título de campeão mundial em 1974. A narrativa fílmica explora, além da vida de Ali nos ringues, a sua luta como um ativista intenso pelos direitos civis da população afro-americana. Muhammad Ali

lutava contra o racismo, foi um líder ativo nas questões políticas que nunca se calou, apesar de todas as tentativas, entre elas a sua prisão. Ele se mostrava incansável na busca pelos direitos dos afro-americanos.

“Havia acabado de ganhar uma medalha de ouro e não podia comer no restaurante do centro de minha cidade natal”, nos lembrou Muhammad Ali em entrevista a um programa de TV, dizendo que a discriminação racial que sofrera estava intrinsecamente relacionada à trama da subalternização do negro. Afinal, “roubaram nossos nomes, nos escravizaram, roubaram nossa cultura, nossa verdadeira história, nos deixaram como mortos caminantes. Nada sabemos sobre nós mesmos, não falamos nosso idioma. Isso acontece no mundo todo”, concluía o boxeador afro-americano (Júnior, 2021, p. 11).

Muhammad Ali se tornou um campeão dentro e fora dos ringues tendo como uma das suas maiores lutas a busca pelos direitos dos negros e contra qualquer forma de opressão, seja ela de raça ou religiosa. O pugilista tornou-se uma figura emblemática, suas habilidades iam além de um grande boxeador, o seu “gingado” lhe fizeram um grande campeão também contra seus maiores adversários, o racismo e a segregação racial. Entretanto, a luta contra o racismo está longe de alcançar o último round, ainda precisamos golpeá-la muito para que venha a nocaute.

Figura 2. Capa Filme “Ali (2001)”.



Fonte: Google imagens.

I - Elementos Informativos
1 - Título do Filme: Ali.
2 - Ficha Técnica do Filme: ALI. Direção: Michael Mann. Intérpretes (Vozes): Will Smith, Jamie Foxx, Jon Voight, Mario Van Peebles, Ron Silver, Jeffrey Wright, Joe Morton, Mykelti Williamson, J. P. Smith e outros. Los Angeles: Columbia Pictures, 2001. 167 min., color.
3 - Gênero e Temática: Bibliografia, Drama, esporte.
4 - Sinopse da História: Um período marcante da vida de Cassius Clay, um grande lutador de boxe nos anos 1960, sua recusa a combater na guerra do Vietnã, sua conversão ao islamismo, mudança de nome para Muhammad Ali, prisão e retorno para uma luta histórica contra George Foreman.

<p>5 - Personagens centrais e função na história:</p> <ul style="list-style-type: none">- Cassius Clay/Muhammad Ali: campeão mundial de boxe dos EUA, conversão ao islamismo e mudança de nome para Muhammad Ali.- Malcolm X: um grande amigo de Muhammad Ali e ativista dos direitos humanos.- Drew "Bundini" Brown: treinador de Muhammad Ali.- Howard Cosell: Repórter.- Howard Bingham: Amigo próximo e fotógrafo de Muhammad Ali.- Sonji Roi: primeira esposa de Muhammad Ali.- George Foreman: lutou contra Muhammad Ali e foi nocauteado.
<p>6 - Biografia e filmografia do Diretor: Michael Mann é um diretor de cinema, roteirista, autor e produtor americano, mais conhecido por seus dramas policiais. Recebeu vários prêmios, incluindo um BAFTA Award e indicações para quatro Oscars e dois Globos de Ouro. Filmes mais aclamados Thief (1981), Heat (1995), Ali (2001).</p>
<p>II - Delineamentos Pedagógicos</p>
<p>1- Faixa etária e nível de escolarização: Livre.</p>
<p>2- Temática: Racismo, o Boxe e a luta pelo orgulho negro.</p>
<p>3- Restrições: Não há restrições.</p>
<p>4 - Conjunto de questões a observar:</p> <ul style="list-style-type: none">- O que ocasionou a mudança de nome de Cassius Clay para Muhammad Ali? Por que seu pai não aceitava a mudança de nome?- Qual o comportamento de Muhammad Ali no filme? O que ele mais enfatiza além do boxe? Como os povos da África o enxergavam?- A maior luta de Muhammad Ali foi dentro ou fora dos ringues? O que levou Muhammad Ali a se converter ao islamismo?- A cassação do título de campeão mundial e a proibição de lutar boxe nos Estados Unidos foi apenas pela sua recusa a servir o exército? Ou o seu posicionamento político? O que levou a suprema corte a absolver Muhammad Ali?- Até onde os obstáculos devem ser superados em nome do esporte?
<p>5- Outros Elementos de destaque:</p> <ul style="list-style-type: none">- O filme é estadunidense, dirigido por Michael Mann que conta a história de Muhammad Ali, que mesmo com todas as adversidades não desistiu de recuperar o título de campeão mundial dos pesos-pesados, quais outras questões o filme retrata?- Apesar do filme abordar o boxe a maior parte dele se passa fora dos ringues, quais outras temáticas estão implícitas nessa narrativa?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano (Fanon, 2008, p. 189).

Retomando o objetivo deste ensaio, que foi apresentar uma proposição didático-pedagógica para tematizar o racismo, a partir do cinema, tendo como pano de fundo o esporte, achamos mister insistir no argumento de desconstruir o discurso colonial que sustentou os pilares do racismo estrutural. Nesse sentido, acreditamos que a utilização de filmes, com proposição didática descolonizadora, amparada pela Lei 10.639/2003, pode contribuir com a ressignificação da existência negra e, por consequência, com o aniquilamento do racismo.

Para tal, é central no contexto educacional tratar o tema do racismo a partir das questões propostas por Tomaz Tadeu da Silva, quando tensiona as políticas de identidade e diferença. Para Silva (2000), no cerne de tais questões estaria uma discussão da identidade e diferença como produção. As perguntas cruciais a guiar esse planejamento seria: como a identidade e a

diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação? (Silva, 2000). O desafio de dismantlar o dispositivo da racialidade passa diretamente pela compreensão desses litígios.

A política identitária está sendo aqui argumentada como um movimento que subverte a inferiorização e a marginalização de determinadas identidades por meio da afirmação e ressignificação das mesmas categorias que eram anteriormente utilizadas unicamente de forma estigmatizante. Trata-se, assim, de um motor político de resistência e de luta voltado para a destruição da exclusão formal, discursiva e material. Por meio desse percurso, seria possível dismantlar o discurso identitário essencializado e pré-determinado (Streva, 2018, p.198).

Portanto, faz-se necessário contar a história do negro a partir de outras vozes. Os colonizadores europeus se desenvolveram via escravidão e extermínio dos povos africanos quando saquearam as Américas. A Europa ficou rica às custas do “lombo” e das forças do corpo negro. O sangue do africano escravizado foi o combustível da modernização da Europa. O colonialismo não terminou, ainda há muitos resquícios das relações de poder que ele criou e institucionalizou. No entanto, acreditamos na possibilidade real de construção de conhecimentos outros, pela via da Pedagogia do Oprimido, pensada por Paulo Freire (1987), fazendo com que a Lei 10.639/2003 contribua, não só para estancar o sangue que ainda derrama, mas para descolonizar epistemes, que se entendem “superiores” e racistas (Teles, Santos & Zoboli, 2024).

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Santos, M. R. C.: Confecção das tabelas de didatização dos filmes. Fundamentação teórica. Santos, W. N.: Concepção e desenho do texto, Fundamentação teórica, Aprovação final da versão a ser publicada. Tele, P. S.: Fundamentação teórica, Aprovação final da versão a ser publicada. Zoboli, F.: Concepção e desenho do texto, Redação do texto, Revisão crítica de conteúdo intelectual, Aprovação final da versão a ser publicada. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

APROVAÇÃO ÉTICA: Não aplicável.

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos ao Professor Doutor Hamilcar Silveira Dantas Junior, pela lista de filmes que tratam da temática do racismo ligada ao esporte. De igual modo, agradecemos pelo modelo de tabela de proposição pedagógica dos filmes. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS, pelo financiamento da pesquisa através do Programa de apoio ao Pesquisador à Pós-Graduação – PROAP 3-2024.

REFERÊNCIAS

Ali: A verdadeira história de Muhammad Ali. (2001). *Filme*. Direção de Michael Mann. Manaus: Videolar, I DVD (157 min.)

Brasil. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. (2003). Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

Brasil. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. (2014). Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. 121. ed. Brasil.

Duarte, R. (2002). *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

Fanon, F. (2008). *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fresquet, A. (2013). *Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Júnior, N. S. F. (2021). *Olimpismo negro: uma antologia das resistências ao racismo no esporte, por atletas olímpicos brasileiros*. Tese de Doutorado, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lazzarato, M. (2014). *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: SESC/N-1.

Marcello, F. de A., & Fischer, R. M. B. (2011). Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação. *Educação & Realidade*, 36(2), e16944.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo, SP: N-1 edições.

Mbembe, A. (2019). *Crítica da razão negra*. São Paulo: Editora N-1.

Raça. (2016). Filme. Direção de Stephen Hopkins. Montreal: Diamond Films, 1 DVD (123 min.).

Santos, D. C. (2022). *Altericídio: como a filosofia de Achille Mbembe analisa a negação do outro*. 1ª ed., Jundiaí: Paco.

Silva, F. H. A; Paula, A. F. (2020). Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e230122, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230122>

Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 73-102.

Streva, J. M. (2018). *Corpo, raça e poder: extermínio negro no Brasil: uma leitura crítica, decolonial e foucaultiana*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco.

Teles, P. S.; Santos, W. N.; Zoboli, F. (2024). Africanidades, Orixás e Flamengo: um olhar a partir da lei 10639/2003. *Revista Educação em Páginas*, 3, e14369. <https://doi.org/10.22481/redupa.v3.14369>

Vaz, A. F. (2020). Corpo, política, educação do olhar: imagens fascistas em Leni Riefenstahl. *Cadernos Cedes*, 40(112), 276-286. <https://doi.org/10.1590/CC232363>

Zoboli, F., Silveira Dantas Junior, H., & Manske, G. S. (2024). O fascismo e os usos políticos do corpo negro de Jesse Owens no filme "Raça" (2016). *Textos & Contextos*, 23(1), e45516. <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2024.1.45516>

Recebido: 3 de março de 2024 | **Aceito:** 2 de outubro de 2024 | **Publicado:** 31 de dezembro de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.